

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Fernando Anjos Lopes

registada em 2008-09-25
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Fernando Anjos Lopes

Fernando dos Anjos Lopes nasceu na Foz d'Égua, a 24 de Outubro de 1957. O pai era António Lopes e a mãe Laurinda dos Anjos Fontinha. Ambos trabalhavam na agricultura. “Um ia regar, o outro ficava a tomar conta dos animais.” Tiveram dois filhos. Fernando ia a pé para a escola no Piódão e fez a quarta classe. Aos 14 anos, antes de ir para Lisboa, foi resineiro, “ia tirar a resina lá aos púcaros”. Foi para Lisboa com 20 e tal anos, o primeiro emprego que teve foi numas obras. Recorda que teve “sempre trabalhos difíceis”. Trabalhou numa distribuição de produtos alimentares, durante três anos. Foi padeiro, mas apenas durante uma semana. Depois de reformado voltou para Foz d'Égua, onde diz estar melhor. “Para viver é na província.”

Índice

Identificação Fernando dos Anjos Lopes.....	4
Ascendência António Lopes e Laurinda dos Anjos Fontinha.....	4
Infância "Eu ia para as cabras e ouvia sempre a bola".....	4
Educação A escola em tempos e condições difíceis.....	6
Casa "Antigamente qualquer coisa servia".....	8
Percurso profissional "Tive sempre trabalhos difíceis".....	8
História "Parece que tinham problemas com o mel".....	10
Costumes Trabalho duro, mas alegre.....	10
Lugar Uma terra muito rica.....	14
Religião "A nossa capacidade não atinge essas coisas".....	20
Quotidiano "Com mais vagar".....	21
Sonhos "Peço saúde".....	22
Avaliação "Têm que conhecer".....	22

Identificação *Fernando dos Anjos Lopes*

O meu nome é Fernando dos Anjos Lopes. Nasci na Foz d'Égua a 24 de Outubro de 1957.

Ascendência *António Lopes e Laurinda dos Anjos Fontinha*

O meu pai era António Lopes e a minha mãe Laurinda dos Anjos Fontinha.

O meu pai quando veio de Lisboa vinha solteiro. Trabalhava na Rocha Conde de Óbidos, na CUF. Ele fez lá um tipo brincadeira que deu para o torto, foi despedido por uns tempos e foi embora para a terra. Depois casou aqui na Foz d'Égua e viveu da agricultura. Era cavar com enxadas. Tinha cabras, coelhos, galinhas, porcos. O porco era o que a gente matava para pôr na salmoura para comer todo o ano. Às vezes, ia para a resina, era resineiro. Era o que lhe aparecia. Eu às vezes até digo que ele passou de cavalo para burro. Tinha uma vida melhor e depois passou a ser a vida mais difícil. Era doloroso. Eu tinha 20 e poucos anos anos, para aí 21 anos quando ele faleceu.

A minha mãe ainda só há três ou quatro meses que morreu. Foi há pouco. Ela ajudava o meu pai na agricultura. Tratava das galinhas, dos porcos, dos coelhos, das cabras. Por exemplo, um ia regar, o outro ficava a tomar conta dos animais. Era assim.

Tenho um irmão. Era divertido, porque a gente no tempo da castanha, tinha muita castanha e depois punha-se a assar. Estava-se quase toda a noite a beber... Então a gente bebia uma cachaçazinha, comia umas castanhazinhas, ficava ali satisfeito. Ia para a cama até dormia melhor.

Infância *"Eu ia para as cabras e ouvia sempre a bola"*

Brinquedos não tínhamos. Já havia um carrito, mas isso... Os pais, às vezes, nem compravam brinquedos. Por brinquedos davam rebuçados que era a melhor coisa. Naquela altura já havia rebuçados. A gente ia à tasca e comprava um bocado de rebuçados. Chupava os rebuçados que era melhor que andar a brincar com carros.

Às vezes, a gente punha-se a brincar às escondidas. Ficava um a contar, "dois, três" e os outros fugiam. O que ficava a contar tinha que descobrir onde estava o que se foi embora esconder. Andávamos assim pelo caminho abaixo a

fazer aquilo. E havia mais brincadeiras. Também já se jogava à bola. Bolas é que já havia naquela altura, mas a gente não tinha. Já era assim uma bola grande de jogadores de futebol e essas coisas. Aquilo era um rapaz que levava lá para a escola para a gente jogar. Antigamente, se uma pessoa precisasse de uma coisa da outra, ela emprestava logo.

Nós lá éramos o Sporting, o craque. Lá na escola era o Sporting contra o Vitória de Setúbal. A gente jogava, mas tínhamos que ganhar sempre. Éramos pequeninos, mas já tínhamos aquela noção que não se podia perder. Ninguém gosta de perder, "nem que seja a feijões".

Já havia rádio. Eu ia para as cabras e ouvia sempre a bola. Já era doido naquela altura por futebol. Não admira gostar muito de futebol que eu já era doido por futebol. Naquele tempo parece que o rádio ainda dava mais alto. Havia menos rádios, trabalhavam numa frequência grande. Até gostava... Quando era golo a gente punha aquilo mais alto que era para toda a gente ouvir que estávamos a ouvir o futebol.

O dinheiro era pouco para roupa e calçado

A gente andávamos mal vestidos, muito mal vestidos. Era umas calças, umas t-shirtezas, umas camisas e uns casaquitos. Às vezes, até mandavam fazer num alfaiate. Naquela altura havia muitos alfaiates. O dinheiro também era pouco. Eles não podiam. Iam à feira da Vide, mas não podiam gastar muito porque não ganhavam. Calçávamos era uns sapatitos. Às vezes, até era dos ciganos. Vinham os ciganos à feira da Vide, comprava-se que era mais barato. Eles vendiam mais barato e eram novos, pronto. No tempo de Salazar era difícil.

"A gente vinha lá por aquelas barrocas apanhar as castanhas"

Havia muita castanha, muitos castanheiros. No tempo da castanha também era uma coisa que a gente fazia. As professoras mandavam-nos embora e a gente vinha apanhar as castanhas. Levava um canastro que fazia o canasteiro, escondia-se ao pé do cemitério do Piódão, quando a professora se ia embora, a gente vinha lá por aquelas barrocas apanhar as castanhas nos nossos castanheiros. Cada um tinha os seus castanheiros. Se a gente passasse num castanheiro de outra pessoa que houvesse muita castanha, a gente não apanhava porque os nossos pais nos diziam:

- "Apanhem só no que é nosso. No que é dos outros não quero que apanhes."

Muitas castanhas vi no chão. Não apanhava. Só se a pessoa não estivesse cá, estivesse para Lisboa ou coisa assim parecida, é que ainda se podia apanhar.

Mais não se apanhava. Chegavam as dos nossos castanheiros. Havia castanheiros muito grandes, tinham séculos e séculos. Havia alguns que a gente, quando vínhamos nos caminhos, até nos metíamos nas tocas que se formavam. Metíamos nos lá nas tocas para nos livrar da chuva e do vendaval.

Educação *A escola em tempos e condições difíceis*

"Éramos quase 20 e tal alunos"

A escola era no Piódão, aquela que ardeu. Íamos e vínhamos a pé aqui da Foz d'Égua. Não havia estradas, não havia carros. A gente já andava acostumado, mas passava de uma hora e tal. Todos os dias fazíamos aquilo. Lá está a tal coisa que eu digo, antigamente fazia-se muita ginástica. Talvez a gente não tivesse tantas doenças devido à ginástica que fazia. Ir daqui a pé para a escola e depois voltar da escola até aqui.

Nós aqui da Foz d'Égua dávamos para uma escola. Quando foi no meu tempo que eu andei na escola éramos quase 20 e tal alunos. Os do Torno e da Foz d'Égua davam para uma escola. Agora no Torno já não há lá ninguém e aqui está quase também a acabar. Isto vai ser um problema. As aldeias todas a ficarem assim sem habitantes, sem nada, é difícil. O governo também não deita a mão por isto, não fazem nada, só vão para os grandes centros. Lá vivem melhor, trabalham.

A gente passava aí dias que estávamos na escola e começava a nevar. Passávamos do Piódão aqui à Foz d'Égua tudo por cima da neve. Dias a nevar. Outros dias de Inverno, enchia-se a ribeira de água e a gente debaixo da chuva. Já havia guarda-chuvas, compravam-se na feira. Às vezes, o vento levava o guarda-chuva pelos ares e a gente lá vinha. Tinha que andar assim. Vontade tinha a gente de não ir à escola. Era uma alegria se a professora dissesse:

- "Hoje está o tempo mau não se vai à escola."

Quando enchiam as ribeiras o meu pai ainda ia à procura da gente, mas ficávamos nos Chãs d'Égua. Antigamente era tudo gente boa.

- "Ficam cá os meninos, não vão assim com este temporal."

Às vezes, um temporal no Inverno e lá ficávamos na casa das pessoas. Mas a gente também tinha vergonha de ir para casa das pessoas ou de pedir. Tínhamos que andar debaixo de chuva. Era muito difícil antigamente andar na escola e tudo.

A gente escrevia em cima de uma mesa, já uma mesa jeitosinha. Tinha uma carteira por baixo. Punha-se os livros por baixo e escrevia-se em cima da mesa.

Escrevia já em papel e no quadro também. Por causa disso é que a gente tem doenças.

Levávamos os livros numa sacola assim para trás das costas. Naquele tempo a gente chamava uma sacola, mas é uma mochila. Era daquelas antigas. Era só para trazer os livros. Era uma coisa que tinha uma fita por cima. A gente metia ao pescoço e a coisa virada para trás. Transportávamos assim os livros. Era o que havia naquele tempo. Porque isto já assim há 50 e tal anos.

"As professoras aplicavam uma cana grande para bater na cabeça"

Da escola lembro-me que levava muita porrada. Dava muitos erros. A gente quando estava na escola estava sempre com medo. A fazer por exemplo um ditado, estava com medo porque dou um erro levo uma reguada ou duas. E quanto mais medo a gente tinha, mais erros dava. Se fosse como agora que as professoras não podem bater nas crianças a gente até aprendia mais. Mesmo assim, tenho a quarta classe e já é bom. Sei escrever bem e já escrevi para vários lados.

As professoras aplicavam uma cana grande para bater na cabeça. Quando a gente não fazia bem o problema, pimba! Eram muito brutas as professoras.

Sem leite e sem escola

Um ano quiseram que a gente fosse para o Chãs d'Égua. Fomos para Chãs d'Égua e a professora queria que a gente levasse todos os dias leite. As cabras não davam leite a gente íamos sem leite. Ela chegava dava uma carga de porrada e mandava-nos embora. Isso para nós era uma alegria não ir à escola. A gente não gostava nada de ir para a escola porque batiam muito e era muito cansativo. Agora as coisas estão melhores.

Guardar as cabras

Andava bem. Andava contente. Eu até fugia da escola para vir guardar as cabras que era muito importante. Ninguém fazia isso. Fazia erros no ditado a professora dava uma carga de porrada, mandava a gente embora. Era o que a gente queria para vir guardar as cabras ao pai. Nunca vi lobos, nem nunca tinha medo dos lobos. Naquela altura quando eu era pequenino não havia lobos. Só quando o meu pai era pequenino é que havia. O meu pai disse que a primeira vez que viu um lobo, levou-lhe logo um cabrito. E foi o cabrito melhor, não foi

apanhar o cabrito mais ou menos, foi o melhor. Mas eu nunca vi lobos. Uma vez fui ao jardim zoológico mais o meu irmão para ver os animais e não vimos os lobos.

Casa "*Antigamente qualquer coisa servia*"

A minha casa era do outro lado na Malhada do Muro. Já a vendi. Às vezes, mesmo de noite lembro-me que estou lá na casa. Nunca me foi da memória.

É uma casa, não era muito boa, mas era o que havia. Antigamente qualquer coisa servia. Era preciso era ter uma casa para viver. Hoje em geral querem só luxos, tudo bem pintadinho. Antigamente até faziam o fogo no meio da casa e o fumo a correr pela casa toda e não havia problemas, porque o fumo ajudava a conservar a madeira. Havia lareira na cozinha, para cozer as batatas. Não era tudo com o fogão. Antigamente não havia gás nem havia nada. Era tudo com lenha e tudo com panelas de ferro e essa coisa toda.

As divisões eram de madeira. Agora é tudo dividido por tijolo. Antigamente o chão era madeira por cima. Também tinha que ser madeira, com portas. A minha casa ainda está assim com madeira. Não houve a possibilidade de a comprar. Não tenho dinheiro. A reforma é pequena.

Percurso profissional "*Tive sempre trabalhos difíceis*"

"Andava sempre todo o dia a andar"

Aos 14, antes de ir para Lisboa fui resineiro. Ia tirar a resina lá aos púcaros. Andava sempre a correr. Não tinha a barriga que tenho agora.

Havia um senhor, o senhor José Antunes Romão, ali perto de Chãs d'Égua, que tinha aí uns pinheiros por conta dele. Disse-me se eu queria ir trabalhar para lá, ir colher a resina. Andava sempre todo o dia a andar. E a gente andava bem. Era colher as resinas dos púcaros de barro. Com uma colherzinha metia-se ali a toda a volta e depois a resina metia-se numa lata. Metia a lata ao ombro, ia para aquele pinheiro, depois tornava a pôr ao ombro ia para o outro pinheiro. Assim andava todo o dia. O nosso serviço era assim. Mas era muito custoso. Se fosse agora as pessoas novas não faziam nada disso. Nem pensar numa coisa dessas.

Quando andei para o senhor José Romão, não me lembro quanto é que ganhava. Mas ganhava mais ou menos o que os outros ganhavam por aí. Devia

ser a mesma coisa. Só que também não tinha Caixa. Naquele tempo quase ninguém tinha Caixa. No tempo de Salazar era difícil.

"Ainda fiz um prédio grande"

Saí de Foz d'Égua aos 20 e tal anos.

O primeiro emprego que eu tive lá em Lisboa foi numas obras lá ao pé de Almada. Isto há coisa de 40 e tal anos, devia ter aí 21 ou 20 anos. Era servente de pedreiro e ganhava 5 mil escudos por mês e sem Caixa. Mas cá já tinha também andado nas obras. Já foi aqui e lá. Foi nos dois lados. A gente, às vezes, fazia umas horazitas também. Ainda fiz um prédio grande que lá está em Corroios mesmo ao pé da Vala, fui eu que andei lá. Não fui eu que o fiz, mas andei lá a trabalhar. Andávamos num prédio, precisavam de acabar um quarto, a gente dava mais umas horas, era mais qualquer coisinha que vinha. Era assim que a gente se governava. Era um bocado difícil, mas pronto.

Acartava a massa. Naquela altura ainda não havia azulejo de vir e colocar na parede. Agora o azulejo é vir e colocar logo na parede. Primeiro o azulejo tinha que ir para um tambor de lata metido em água para se poder colocar na parede. Nunca tive trabalhos bons. Tive sempre trabalhos difíceis. Sempre muito trabalho. Mesmo quando andei na Vinosul era muito trabalhoso. Depois estive muito tempo sem trabalho. E arranjei trabalho para uma distribuição de produtos alimentares.

"Nunca soube o que era remédios"

Fui para a Vinosul devia ter uns 23, 24 anos. Era em Almada, na Cova da Piedade. Era de produtos alimentares e bebidas alcoólicas. Tantas vezes que eu subia acima dos camiões e descia, subia e descia. Cada cliente que chegava tinha que subir acima do camião pôr as grades a jeito e descer cá abaixo, ir levar e depois tornar. Às vezes, em cada cliente era duas vezes que tinha que subir acima do camião. Mas a gente andava bem. Bebia-se umas pingas valentes. Nunca soube o que era remédios.

Andei lá três anos. Foi o que podia andar. Assinei os contratos todos. Ao fim de três anos fui despedido, que não podia assinar mais o contrato. Tinha sido despedido, não conseguia arranjar emprego, comecei a ficar destabilizado. Vim a ficar doente.

"Vai-se aprendendo aos poucos"

Eu já fui padeiro, já fui pasteleiro. Já andei na distribuição de produtos alimentares e bebidas alcoólicas. Fui padeiro, mas foi depois quando saí da Vinosul. Fui para uma padaria pastelaria à experiência para ver se dava, mas o senhor não me quis lá, não me deu trabalho. Só lá estive uma semana. O senhor da padaria morreu naquela altura. Levantava-se às quatro horas para ir refilar comigo. Uma pessoa que estava a aprender não pode fazer as coisas bem tal e qual uma pessoa que saiba. Vai-se aprendendo aos poucos. Ia para lá refilar comigo, cheguei ao sábado disse:

- Olhe a partir de hoje já não venho cá trabalhar mais.

Preferia estar em casa que o estar a aturar. Comecei a andar para um lado e para o outro à procura de emprego. Depois sei que apareci doente e tive complicações até demais. Depois de falecer o meu pai regresssei à terra.

História *"Parece que tinham problemas com o mel"*

Onde é o cruzamento, é que era o Piódão velho. Foi ali que foi formado, por cima do Torno. As pessoas tinham ali aqueles campos, por ali acima, para fazerem casas. Era o sítio melhor que eles escolheram, mas parece que tinham problemas com o mel. As formigas comiam o mel. E também tinham problemas com a água. Tinham a água muito longe.

Depois foram lá para cima porque havia lá mais água. Foram onde agora está o Piódão. Ali era o sítio melhor. Eu lembro-me que no Piódão há pelo menos duas nascentes. Há assim no meio da povoação, a fonte dos Algarés e uma fonte lá em baixo ao fundo do Piódão. Onde eles tinham o Piódão formado não há lá água nenhuma. Tiveram que a trazer de um barroco, mas ainda se lá conheceu os caleiros que eles punham. Já havia caleiros de telha para eles trazerem a água, os antigos. Já deve ser há muitos anos que devem fabricar telha.

Costumes *Trabalho duro, mas alegre*

"A gente matava ao domingo para estar todo o dia a comer"

A matança do porco era um dia de festa. Não se fazia nada, só se matava o porco. Abria-se o porco e depois era beber e comer todo o dia. Não havia mais nada para ninguém. Às vezes, até se costumava matar ao domingo. É o dia do Senhor. Era um dia para se descansar. Então a gente matava ao domingo para estar todo o dia a comer.

Do porco fazia-se várias coisas. Enchidos e depois os presuntos iam para a salmoira. Por baixo punha uma camada de sal, ia pondo carne por cima e punha mais uma camada de sal. A gente punha os presuntos e carne. Era assim que a gente conservava a carne. Agora são frigoríficos, é essa coisa. Está bem, isto tem que evoluir.

Tratávamos deles... Tínhamos muita terra para cultivar hortaliça. Eu mesmo trabalhei muito quando cá estive. Às vezes, até ia de noite ao mato e tudo. De manhãzinha às cinco horas, quatro horas da manhã já o meu pai me estava a chamar para irmos para o mato. Eu, às vezes, no Inverno geladinho. Tínhamos que fazer uma fogueira para aquecer as mãos. Era difícil roçar o mato porque estava muito frio.

"Enfeita-se o santo e diz-se a missa lá na capela"

Havia romarias. Isso também era uma alegria quando havia festas. A gente gostava, mas eu nunca fui muito amante de festas. Mesmo lá em Lisboa, às vezes colegas chamavam-me para eu ir para boates e eu não ia. Não quero confusões. Nunca gostei de andar em confusões. Vinha uma música de um lado qualquer aí tocar pimba, pimba.

"Todos gostávamos de achar uma espiga vermelha"

A apanha do milho era quando estivesse na altura, mas dava muito trabalho. Quando ficava com folhas, levava-se para a palheira que era para deitar às cabras. A gente ia tirar-lhe aquela bandeira. Por cima da espiga deita uma bandeira grande. Chamava-se a bandeira. Corta-se aquela bandeira, vem aquele pó todo para a gente, ficamos todos assim mal dispostos. Punha-se a secar e aquilo servia para deitar às cabras. No Inverno quando estava todos os dias a chover e a nevar,

deitava-se aquela rama e a bandeira e elas comiam e não era preciso deita-las para a rua. Aproveitava-se tudo. Faziam com o milho, porque era o que cá se dava melhor.

Lá em cima para o Minho parece que se juntam todos a descamisar o milho, mas aqui não. Chamava a gente descamisar que era tirar a espiga. Aqui cada um ia para seu lado. Um tinha, ia fazer, o outro tinha também ia fazer. Às vezes lá se juntavam duas ou três pessoas, mas como toda a gente cultivava a mesma coisa cada um ia para os seus trabalhos. Por exemplo, um ia para o campo dele, outro ia para o campo dele. Era assim.

O milho deixava-se a aloirar. Estando quase seco ia-se lá e tirava-se a espiga do milho. Era tirar a espiga, trazê-la para casa, pô-la num andar da casa e depois malha-lo com uma estaca. Aí é que ia toda a gente para as debulhas, isso era uma alegria. À noite é que se ia fazer as debulhas. Então a gente andava, hoje era para um, amanhã era para outro, depois era para outro. Um contava uma anedota, outro dizia uma risada. Debulhávalo, depois ainda tínhamos que levar ao estendal a secar em cima de toldos.

Do milho fazia-se a broa. Depois de seco deitava-se na arca e quando era para fazerem broa, ia-se ao moinho com ele. Depois do moinho, levava-se a farinha. Ainda tinha que se ir buscar lenha, aquecer o forno e pôr lá a broa. Dava muito trabalho. Os antigos sofreram muito, mas eram pessoas fortes, pessoas valentes, tinham um físico bom. Faziam muita ginástica. Acho que ainda faziam mais ginástica que os jogadores de futebol. Nem os jogadores de futebol conseguem fazer a ginástica que eles faziam.

Todos gostávamos de achar uma espiga vermelha. Isso era uma alegria. Mas isso era quando estavam a descamisar. Quando lhe calhava uma espiga vermelha aquilo era uma alegria. Quando ia para a casa, a gente já sabe que está lá a espiga vermelha. Mas na desfolhada quando a gente estava a desfolhar o milho, nos aparecia uma espiga vermelha, isso era uma alegria. Não sei bem o que é que queria dizer aquilo.

Juntávamo-nos assim todos. Naquela altura já havia rádio. Levávamos o rádio para ouvirmos música. Havia aí um rádio de Badajoz que dava muito boa música em português. Era um programa mesmo feito para Portugal e então a gente quando era nas debulhas aquele que tivesse, levava o rádio. Mesmo que o senhor da debulha não tivesse rádio e o outro tivesse, levava o rádio para lá. Estávamo-nos lá a divertir. Um dizia umas asneiras, outro ouvia rádio. Se não houvesse rádio também era alegre, porque a gente ia para as debulhas era para beber uns copitos, também. Era para debulhar e para beber uns copitos.

"O azeite no lagar dava muito trabalho"

Havia aqui muito azeite. Também eram umas pândegas que a gente fazia muito grandes, assim umas festas no lagar. A noite em que a gente andava a moer, aquilo era bacalhau e depois os lagareiros punham muito daquele azeite ainda cru sem estar quase tempo nenhum na tarefa. Enchiam tudo de azeite e a gente a comer bacalhau com batatas e bastante azeite e a beber uns copos. Aquilo era uma maravilha, era uma alegria. Agora já não tenho azeitona, arderam.

Estes lagares já não trabalhavam, mas ainda fui à Bobadela, ali ao pé de Oliveira de Hospital. O lagar que agora trabalha aí assim é o da Bobadela e é o da Foz da Mourísia. Os outros já não trabalham, não têm condições. Até água vinha do barroco e tudo e não havia problemas. Era escaldada. Quanto mais as pessoas estão com exigências, mais doenças aparecem, mais porcarias aparecem. Antigamente quando eu andava na Vinosul, a gente estava a almoçar, apetecia-lhe fumar uma cigarrada fumava. Agora no café não pode fumar que faz mal às pessoas. Vai fumar para a rua. Eu não sei o que é que estes gajos querem.

O azeite no lagar dava muito trabalho. Aquilo era por horas. Os homenzitos naquele tempo já tinham relógios certos e marcavam a hora. Este moinho entra por exemplo às três da manhã, o outro vai entrar às oito da manhã. Tinham que dar aquele tempo que era para se moer. Punham a azeitona ao pé da galga. A galga é uma pedra muito grande em roda que anda junto das rodas que é a que anda a pisar a azeitona toda. A galga punha aquelas rodas todas a trabalhar.

Os rapazes novos queriam andar com a vara. Um punha-se deste lado, outro punha-se daquele, andavam ali à volta com o pau para subir o peso, para ficar ali o peso em cima da vara para espremer o azeite. Era um peso muito grande. Os moços novos e mesmos aqueles lagareiros que eram assim de idade:

- "Vem cá fulano. Tu tens muita força é para levares..."

E depois a gente andava ali à volta, à volta, à volta. Levava o peso acima. Quando era para descer era a mesma coisa. Isso é que a gente tinha uma alegria de andar ali a fazer aquilo. Mas fazia-se aquilo voluntariamente. A gente passava ali das cabras ou vinha dar um recado e os velhotes:

- "Vem cá fulano. Tu tens muita força. Anda levar a vara acima ou a vara abaixo."

Esmagava-se. Marcavam aquelas horas estava tudo esmagado. Depois a gente tinha que dar a massa, tirar a massa do pio para o encerador. Aquilo era um bocado longe. Às vezes o mestre e a pessoa que lá estava ligada ao lagar dizia:

- "Ó fulano, vem cá às tantas horas dar a massa."

E a gente às tantas horas estava lá para dar a massa. Para acartar a massa para o encerador era tudo por base de braço. Tirava-se do pio, chamava-se o pio, andava-se com a galga para um lado, tirava-se de um lado em baldes e levava-se para o enceradouro. No enceradouro havia umas ceiras, metia-se lá com os baldes. Era muito trabalhoso. É como eu digo, naquela altura ninguém tinha barrigas. Por um copo de vinho toda a gente trabalhava bem.

E a gente andava depois era chamavam rescaldar o azeite. Tinham que tirar as ceiras todas. O peso arreava-se. A vara chegava lá no cimo. Aquilo era por roscas. Aquele pau que a gente andava um à volta e o outro à volta, tinha uma rosca por ali acima que ia rodando. Tanto subia como descia por intermédio de uma rosca. Depois descia, chegava o mestre mais o ajudante, mexiam a massa do bagaço e depois punham água quente. Chamavam isso aldear. Aldear o azeite. Era assente na tarefa. A tarefa é para onde cai o azeite. Também é de pedra. Deve ser pedra diferente da galga, porque a pedra é rota e aquela não pode ser rota porque tem que ficar lá com o azeite.

Ainda havia o odre para a gente levar para casa. Odre era feito de pele de cabra. Cosido e tudo. Havia pessoas que sabiam coser aquilo tão bem que não deitavam nada de azeite cá para fora. A gente enchia o odre, atava com um braço na boca e lá levava o outro às costas com o azeite. Se a gente caísse no caminho furava o odre. Tinha que ir com muito jeito porque aquilo era pele de cabra. Era difícil. Chegava lá, já havia pias. Tinha uma pia, metia numa pia. Há pias aí que as pessoas têm que as "briar". Têm que lhe pôr uma massa que é para não deitar o azeite fora. Se não está sempre a gemer azeite cá para fora. Não pode ter furos. Eu tenho uma pia, até tenho lá azeite e ainda foi o meu falecido pai que a comprou. Podemos-la lavar com água. Aquelas que são "briadas", nem se podem lavar com água quente. Aquela posso-a lavar. Posso tudo, não deita azeite nenhum, não deita nada.

Lugar *Uma terra muito rica*

"Agora não se pode deixar chaves nenhuma na porta"

Antigamente toda a gente ficava com as chaves nas portas. Não tinha medo de nada. As pessoas tinham confiança uns nos outros. Se por exemplo a pessoa passava mal e precisava de uma coisa, o vizinho:

- "É pá, anda cá. Vem beber um copo. Pronto deixa lá. Não tens vinho bebes à mesma."

Eram amigos. As chaves estavam sempre nas portas. Agora não. Agora não se pode deixar chaves nenhuma na porta. Isto agora é uma roubalheira. É todos os dias a falar em roubos. Eu agora até já nem ligo à televisão. Todos os dias a mesma coisa, as mesmas histórias. Os noticiários é tudo à base de ladroagem e dessa coisa toda. Isso não interessa. Ouço música no rádio de Arganil e já não é mau.

"Não havia luz, não havia nada dessas coisas"

Não havia luz. E com quê que a gente se alumiaava? Com petróleo. Havia já uns candeeiros chamávamos os gasómetros. Metíamos lá petróleo, aquilo tinha uma camisa, a gente dava um bocado à bomba, saía o petróleo por cima e dava luz. A casa estava sempre alumiaada com aqueles. Noutras casas eram as candeias. Também havia muita gente que tinha candeias com azeite. Punha-se um bocado de pano, chamava-se a torcida e depois naquele pano é que se punha lá o fogo. Aquele pano ia chupar o azeite dentro da candeia. Era assim que as pessoas se alumiam. Não havia luz, não havia nada dessas coisas. Era um bocado difícil.

Uma carga de trabalhos

A água também era um problema. Quando era preciso tinha que se ir às fontes com o cântaro. Se, por exemplo, era preciso fazer um chá e a pessoa não tinha água, imaginemos lá para a meia-noite, tinha que ir à fonte para ir buscar água para fazer o chá. Quem diz à meia-noite diz às duas ou três horas da manhã. Sentiu-se mal:

- "Olhe vou fazer um chá."

Mas não tem água no caldeiro. Tem que ir buscar à fonte. Havia aqueles caldeiros que faziam os latoeiros.

Juntavam-se as mulheres e iam lavar à ribeira. Até na ribeira juntava-se mais que uma, porque antigamente havia muita gente. As mulheres vinham à ribeira lavar depois tinham que levar a roupa para porem no arame para estenderem, tal qual como a gente agora faz. A gente agora não tem trabalho nenhum. É pôr na máquina, tira da máquina, põe no arame, "está a andar". Antigamente as mulheres levavam muito trabalho.

O lavadouro era para as mulheres irem lavar também. Umas iam para a ribeira, outras lavavam no lavadouro. O lavadouro já foi... Quando eu era miúdo ainda lá não havia. Iam para a ribeira lavar. Fizeram mais tarde. Punham uma pedra num poço e esfregavam ali a roupa na pedra. E era só sabão. Não se punha detergentes nem aquelas coisas que se agora põe, Skip. Não havia nada dessas

coisas. Sabão e já havia lixívia. Antigamente era uma carga de trabalhos, mas a gente sentia-se bem. Não havia barrigas assim como eu tenho agora. Não havia nada porque a gente movimentava-se muito.

"As pessoas sabiam mais sofrer"

Não havia remédios da farmácia. Os remédios deles era o vinho, o bagaço e essa coisa toda. Cada um que tinha problemas, fazia um chá. Havia muitas plantas, muitas ervas. A gente agora passa aí no meio das ervas, nem sabe o que é que querem dizer aquelas plantas, mas antigamente sabiam. Eles eram mais inteligentes do que a gente agora somos. Eles chegavam ao campo:

- "Esta erva é para isto, esta erva é para aquilo."

E eles tinham sempre chás e essa coisa toda. A medicação deles era à base de ervas. Nós agora é à base de químicos. Essa coisa só dá cabo da gente. Eu às vezes ando, ando, há dias que ando cansado e a barriga não abate. Tanto faz andar como estar quieto. Já não sei o que hei-de fazer. É todos os dias a tomar químicos.

Algun dia tomava medicamentos? Às vezes um chá quando estava mal disposto. Antigamente usavam muito chá de sabugueiro ou chá da tília. Já havia aqui uma tíliaeira no Piódão onde... Ainda lá está a cêpa da tíliaeira. Então toda a gente ia apanhar a tília. O chá da tília era o melhor. E o sabugueiro penso que era quando a gente tinha febre. Da tília acho que era para os nervos, para acalmar. Toda a gente ia buscar chá. Não havia comprimidos nem havia nada. Nem se pensava nessas coisas. Tenho impressão que já havia farmácia.

Uma dor de ouvidos Era aguentar. Não havia nada. Depois as pessoas diziam:

- "Então o ouvido? Isto passa. Isto com os dias passa."

As pessoas sabiam mais sofrer. Eram pessoas que não eram tão doridas como agora. Agora aparece uma dor de dentes, é logo um comprimido, aparece uma dor de pernas, é logo um comprimido. Antigamente sofriam mais, mas aguentavam-se.

Já havia doutores, mas quase ninguém ia ao doutor. Não era como agora que estão as salas cheias. A gente quando andava na escola o meu pai dizia:

- "Os meninos não precisam de médico."

A parteira

Para os partos isso havia parteiras. Havia mulheres curiosas que chamavam as parteiras. Havia uma no Piódão que era a Maria Silva que até lá está uma rua

dela. Ficou lá o nome da rua por causa de ser parteira. Assistia aos partos todos. Chamava-se isso uma parteira. Por exemplo se ela não estava numa terra, iam-na chamar.

- "Fulana está para dar à luz, tem de se lá ir."

E ela vinha de boa vontade. Vinha para a Foz d'Égua, para onde a chamavam. Antigamente já havia telefone, mas era só o público. Quando eu andei na escola ainda nem telefone havia. A gente era preciso uma coisa qualquer, ia-se dar um recado. Então mandava-se um miúdo. Um miúdo da escola é que ia dar o recado. Imaginemos que estava aqui uma senhora para dar à luz e chamar essa parteira do Piódão. Ia um miúdo daqui, chegava lá dizia à senhora:

- "Olhe é para ir à Foz d'Égua, está lá uma senhora para ter um parto."

O miúdo dava o recado. Então os miúdos andavam sempre a dar recados.

Trabalhos e ofícios

Aqui ofícios era resineiro. Eram "à força toda" porque havia aí muito dinheiro. Havia pedreiros, também sempre houve pedreiros para fazerem as paredes. Havia muitos lateiros antigamente. Alfaiates e pouco mais. Alfaiates e lateiros era o que havia mais. Os lateiros eram aqueles que trabalhavam com a lata. Antigamente a lata para levar as coisas do porco era o lateiro que fazia. Havia latas para ir buscar água, havia tudo. Os lateiros também trabalhavam muito. Já havia aquelas panelas de barro. Também trabalhavam muito no barro antigamente. Trabalhavam muito em olaria. Mas não era aqui, era mais para longe. Lá para Oliveira do Hospital ou o que é que era, só que vinham vender aqui às feiras.

Depois eram profissões como tinha o meu pai. Hoje a cavar, amanhã a ir cortar mato, ao outro dia cortar erva para os animais, era assim que faziam tudo. Fazia-se quase de tudo. Mesmo cavar e semear, era tudo com sachos. Agora é máquinas para cortar erva. Naquele tempo era uma foice que a gente tinha para cortar erva. O mato também era com uma foice. Era tudo manual. Mas fazia bem.

Plantavam batatas, milho, couves, tomate, feijão, cebolas, pimentos. Pepinos também semeavam e às vezes também melancias e essa coisa toda. Eu queria falar no melão, mas o melão aqui não se dá. Já o meu pai e um amigo dele tentaram semear melão, mas não se dá aqui. Ele tem que ser capado, mas mesmo que seja capado não cresce nada, fica pequenininho. O clima aqui não dá para o melão.

"O recado"

Quando começava a sementeira o meu falecido pai e os outros, em dois ou três meses não paravam. Só paravam aos domingos. Era um dia para uma pessoa, amanhã ia ajudar para outra, hoje era para ele e dava assim. Depois era troca por troca. Hoje iam para um, amanhã vinha essa pessoa para ele. Era assim. Às vezes ainda não tinham combinado muito bem e o meu pai não sabia qual é que era o dia que uma pessoa qualquer cavava. Se era aquele dia se não era. Então mandava-se o miúdo ir com o recado. Eu e o meu irmão, íamos à Covita. Chegava-se lá e perguntava-se:

- "Olhe quando é que você cava?"

- "Amanhã."

E a gente chegava ao pé do meu pai:

- "Ele cava amanhã."

E a pessoa já sabia. Chamava-se a isso um recado. Às contas que a gente andava a levar recados e trazer recados. Não havia dinheiro. E mesmo a gente tinha algum dinheiro? Quando o pai comprava um rebuçadito aí para nós era uma alegria. Era a coisa melhor que os nossos pais nos podiam dar era um rebuçado.

Cavávamos a terra nas leiras. Enterrava-se estrume e tudo. O mato que a gente ia buscar punha na loja onde tinha as cabras. As cabras estavam lá por cima, faziam as necessidades para cima daquele mato e aquele mato era depois enterrado nas terras para fazer de adubo. Não havia cá adubos nenhuns. Essa porcaria dos adubos também deu cabo das pessoas todas. Antigamente os adubos que havia era estrume. O grande levava na corda, o miúdo levava numa canastra. Havia um canasteiro no Piódão e então a gente levava na canastra. Para plantar por exemplo uns tomates, umas cebolas punha-se estrume miúdo. Para o milho, para o feijão era o estrume grosso. Não havia cá adubos, não havia cá nada dessas coisas.

"De livre vontade"

As pessoas eram mais unidas e mais carinhosas umas com as outras. Um recado daqueles, a gente fazia às vezes até por umas castanhitas, aquelas castanhas já pisadas. Agora um miúdo que vá fazer isso, já quer um ordenado quase. Ou uma pessoa que vá fazer uma coisa qualquer quer logo um ordenado. Ninguém faz nada assim por nada. Antigamente ia-se assim para as debulhas,

depois para a matança do porco. Ia-se de livre vontade, de borla. Trabalhava-se, mas a gente andávamos contentes, todos satisfeitos.

"A gente só bebia um copito ou dois"

No Piódão havia duas tabernas onde vendiam bagaço, cerveja e vinho. As pessoas iam beber. Uns bebiam um copo, outros bebiam uma cerveja, outros bebiam bagaço. Toda a gente bebia a sua bebida. Se fossem os homens bebiam dois copos, o rapaz bebia só um. Porque diziam os homens que os rapazes não se aguentavam tanto. Mesmo nas debilhas, a gente só bebia um copito ou dois. Talvez quando casasse ou quando chegasse aos 25 anos talvez já fosse um homem. Por exemplo, com 17 ou 16 anos era um rapaz, tinham que beber menos que os homens. Os homens já assim de alta idade, 60 e tal, 50 e tal, esses diziam eles que aguentavam mais vinho. Já andavam acostumados.

Os homens na tasca, um dizia uma aldrabice, o outro dizia uma mentira, já com um bocado de um bagaço ou uma cerveja metida. Nos domingos era uma paródia. Íamos à missa também ao domingo. Às vezes na missa, o padre a falar e eles também a falarem. Era uma alegria. Ainda conheci muitos homens. Levavam uma vida assim, mas até levavam uma vida boa. Porque era uma vida de alegria, de satisfação. Andavam satisfeitos. Agora parece que anda tudo triste, anda tudo desorientado. Um anda atormentado de uma maneira, outro... E ninguém liga uns aos outros.

Antigamente passava-se ao pé de uma pessoa qualquer chamava-se pelo nome da pessoa. Dava-se o bom dia a todas, mesmo que não se conhecesse.

Lendas e histórias

Lembra-me de uma lenda que contava o meu avô. À Fonte do Atalho ao cimo do Piódão estava lá uma moura com uma coisa que até luzia. Era ouro. A moura encantou aquilo para figos. Passou lá um viajante que ia com um cavalo e com a carroça e ela disse:

- "Quer um figo?"

- "Pode ser."

- "Então tire daí um figo."

Tirou um figo meteu-o num bolso.

- "Já vou comer o figo."

Chegou mais à frente foi para comer o figo. Estava uma nota de ouro lá dentro do bolso dele. Sim, era uma nota de ouro. Foi a moura que encantou aquilo para figos. Acho que as mouras encantavam. Não percebo bem disso.

Acho que até nem acredito nessas coisas. Mas isto também é uma lenda. Pode não ser realidade.

Religião "A nossa capacidade não atinge essas coisas"

Sou muito religioso. Tenho uma carta milagrosa que diz que se não forem atendidas as coisas de Deus, que ele até manda os montes devorar os corações das pessoas. É uma carta milagrosa que é muito importante. Com Deus não se pode brincar. Deus é acima de tudo. Se me perguntarem quem é que fez Deus eu não sei responder. É uma coisa que ninguém sabe responder. Não tem explicação. A nossa capacidade não atinge essas coisas. Mas que há Deus há. Há muitas guerras, muitas fomes, muitas coisas que podiam ser evitadas. Por isso mesmo que eu rezo todos os dias o Terço porque nossa Senhora de Fátima disse:

- "Se quereis a paz rezai para a Rússia se converter."

Eles agora já se converteram. Antigamente os que fossem católicos não se podiam divulgar. Eles agora graças a Deus já podem dizer que são católicos, já podem ir para as igrejas, já podem tudo.



Cartão de associado dos Custódios de Maria (2008)

A criação de Deus

Há tempos apareceram-me aqui uns senhores do Jeová e disseram:
- "Eh, que maravilha isto aqui. Está aqui uma maravilha. Os montes, os pinheiros, as giestas. Tudo criado por Deus."
Nisto eu puxo de um cigarro e começo a fumar.
- "Ah, isso é que foi semeado pelo Diabo."
- "Então já não estou a perceber nada do que o senhor é. O senhor é quê?"
- "Sou Jeová."
- "O senhor não sabe nada de Jeová. Se foi criado por Deus as giestas, os pinheiros, também foi o tabaco.
O tabaco tinha sido o Diabo que foi lá semear no meio da seara de Deus. Não pode ser. Se ele semeou uma coisa também tinha que semear a outra.

Quotidiano "Com mais vagar"

"Em Agosto dia sim, dia não ia regar as cerejeiras"

Já estou na terra há bastante tempo. Sou reformado, não faço nada. Voltei cá porque eu aqui estava melhor. As médicas até me mandavam, porque os ares aqui são diferentes e tudo. Eu estava muito bem aqui. Em Lisboa estava sempre... Se estou doente lá ainda andava mais doente. Porque há mais confusões, por tudo. Vim para o pé da minha mãe. A minha mãe já morreu. Agora estou cá sozinho. Não tenho lá casa. Tenho lá o meu irmão, mas tem a casa dele, não é minha. Estou aqui, estou bem. Aqui gosto de tudo. Já o meu irmão gosta muito daqui. Estive cá até aos 20 anos. Depois estive uma época em Lisboa. Aqui também já há bastante tempo que cá estou. Nunca estava bem em Lisboa. Nunca gostei muito de Lisboa nem de cidade nenhuma. Para viver é na província. Águas melhores, sossego. Só o sossego... A gente chega, por exemplo, às dez horas ou 11 horas da noite para ir dormir, é verdade. Já me tenho levantado à meia-noite e sento-me na escadaria lá para baixo. Aquilo é que é uma maravilha. Está tudo sossegadinho. Está-se ali horas esquecidas, é uma maravilha. Na cidade, se não é um é outro. Vai um carro a passar, faz um barulho. Um de mota a passar, faz um barulho. É mais confusão, mais tudo. Anda tudo mais em confusões. Para mim, para esta doença que eu tenho, não gosto muito de confusões nem de barulhos.

O meu dia às vezes... É tratar das cerejeiras e figueiras. Trato delas e rego-as. Às vezes quando era em Agosto dia sim, dia não ia regar as cerejeiras e regava também as do meu vizinho. Os outros tempos era a ouvir música, a rezar. Sou católico e rezo muito. E é a andar de trás para a frente. Vou até lá em cima ao cruzamento ao Piódão velho.

Sonhos "*Peço saúde*"

Eu peço muita coisa a Deus, mas por exemplo dinheiro para eu ser rico nunca pedi. Foi uma coisa que nunca pedi, para ser rico. Não gosto, pronto. Se tenho dinheiro tenho, se não tenho, não tenho. Pedir para ser rico não.

Peço saúde, que é a coisa que eu tenho menos, mas peço muito. Perdão dos pecados, para não haver guerras. Eu fui sempre contra as guerras. Por isso é que eu digo que nunca andei em zaragatas. Se calhar se houvessem muitos a fazer como eu a pedir a Deus para não haver guerras, para não haver ódios nas nações, para se acalmarem, se calhar isto até estava melhor.

Avaliação "*Têm que conhecer*"

Acho bem, vocês são jovens têm que conhecer coisas e saber coisas. Vocês fazem bem estarem a entrevistar. Acho que é muito importante. Eu também quando não sei pergunto. Gosto de saber muita coisa. Sempre fui uma pessoa que me desenrasquei bem em todo o lado e não tenho problemas em chegar a um lado qualquer.